ANO 9.º — Sexta-feira, 28 de Julho de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 432

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

CONSPIRANTES

—=(*)=—

Conspira-se? Não se conspira? Não sabemos.

Mas o que sabemos, e com a mais absoluta das certezas, é que qualquer movimento revolucionario representa, neste momento historico, em Portugal, o mais infame dos crimes.

Em tempos normais ainda se poderia admitir que alguns monarquícos, saudosos do predominio *cacical*, ou da gamela farta da época do regimen dos *adiantamentos*, tentassem, agremiando em conjuras revolucionarias, bandidos, parvos e imbecis, reaver a perdida preponderancia e as regalias correlativas.

Assim fizeram, efectivamente, e servindo-se, por vezes, de meios bem baixos e bem vis, em perfeita correlação, aliás, com o baixo e vil regimen que pretendiam restaurar. Ouro estrangeiro, armas estrangeiras, mercenarios estrangeiros, *antes Afonso XIII que Afonso Costa*, a independencia nacional posta em risco, tudo pareceu justo e legitimo aos inclassificaveis safardanas, imagens fieis da monarquia de que se arvoravam em paladinos...

Todas estas ignominias, vergonha eterna da malta de grilhetas que as concebeu e realizou, nada são, porêm, em paralelo com o que representaria uma revolução monarquica no momento presente e nas condições em que ela podería ser intentada.

Tal facto, agora que Portugal está em guerra com a Alemanha, pago pelo ouro teutonico e incitado por alemães, seria a mais execravel das infamias, a mais formidavel das traições, para a qual todos os castigos e todas as maldições seriam pouco.

Viu-se, ha ainda bem poucos mezes, com que indignação foi acólhida e com que rigor reprimida a revolução que os alemães suscitaram na Irlanda.

Ora deve-se notar que a Irlanda—ha seculos submetida pela força á Inglaterra, que, diga-se entre parentesis, a tratou sempre, até ha bem poucos anos, com um despotismo que justificava todas as revoltas—é uma nacionalidade que se julga no seu pleno direito de reconquistar a independencia, aproveitando para isso a oportunidade que melhor lhe pareça.

Não obstante, viu-se a reprovação que o seu gesto de revolta despertou e a severidade, em parte alguma censurada—excluindo, já se vê, os *humanitarios* imperios centrais, a humanitarissima Bulgaria e a ultra-humanitaria Turquia—com que foi reprimido, não estranhando ninguem a duzia e meia de sentenças capitais que foram pronunciadas e executadas.

Dêste modo, de que fórma querem os conspiradores monarquicos que seja recebido e classificado qualquer movimento revolucionario, incitado por alemães e pago pelo ouro alemão, que agora promovam? Como querem que seja olhado o gesto dos filhos duma nação se colocarem ao lado dos inimigos dessa mesma nação para, por ordem dêstes, a apunhalarem?

Se a lama do regimen deposto em 5 de Outubro de 1910 lhes não submergiu os ultimos vislumbres de consciencia, a resposta é facil.

O que é pena é que os monarquicos conspirantes não possam ser mandados intentar façanhas desta especie para quaisquer das outras nações beligerantes, de um ou de outro dos grupos contendores. Lá veriam como é que, nas nações em estado de guerra, são punidos os crimes de traição á Patria. E por uma fórma rapida, sumária, que cortaria pela raiz qualquer animadora perspectiva duma proxima amnistia...

Films...

Noticias dêle...

Informam nos do Porto que está ali causando verdadeira sensação a presença do nosso governador civil efectivo, fardado de alferes medico, dando causa ao pasmo das gentes quando atravessa as ruas da cidade com o garbo e imponencia dum autentico filho de Marte.

Só quem não conhece s. ex.ª...

Figura de avantajado volume corporeo, alto, grosso, largas espaduas, farta bigodeira, certamente devem bem assentar o dolman, as polainas, as calças á *Chantilli* e a pezada duridana.

Disse-nos alguem que teve o prazer de encontrar o dr. que, a distancia, é duma flagrante parecença com o general Bombardão, que Deus haja.

Pela nossa parte alegra-nos saber que s. ex.ª viu, emfim, realisados os seus sonhos dourados—ser tropa e, para cumulo, depois dos 45 da ordem!

Já é ter sorte!

Ao natural

Chegou-nos esta semana um uovo bilhete ilustrado, o oitavo, com a caricatura do célebre jornalista que levanta o nivel com a mesma facilidade com que deita abaixo um copazio de carrascão e que, encostado a uma grossa bengala, chapeu caído e as pernas trocadas, dá mesmo a impressão do estado em que se encontra a cada passo.

Ao alto lê-se: *A mim a terra, os muros me abandonam...* Feliz ideia do insigne caricaturista, que desta feita passa á posteridade, apezar de ainda não termos a honra de o conhecer.

E esta?

Recortâmos de um jornal de Lisboa:

> *S. Miguel do Mato (Vouzela)* —C.—Ha pouco tempo ainda chegou aqui, vindo de Lisboa, um individuo tuberculoso, o qual morreu dois dias depois. O paroco da freguezia, rev. Antonio Domingos Nunes, foi visita-lo em vida, mas, depois de morto, recusou-se a acompanhar o cadaver, sob o pretexto de que ele não estava casado pela igreja e tentou opôr-se a que o seu cadaver fosse sepultado no cemiterio, que ele dizia ser logar santo e por isso só para os que viviam dentro da religião. A sua exigencia era para que a familia fosse ao bispo pedir licença para o enterramento. Afinal, teve de permiti-lo sem essa formalidade, mas o lamentavel facto é digno de registo.

De registo e de mais alguma coisa que pelo menos sirva de exemplo para que deixem de ser tão frequentes os casos desta naturêsa.

Sim. Porque os burros que são burros tambem entram na ordem quando a isso os obrigam...

Conspirantes

Lê-se no nosso colega de Coimbra, *Resistencia*:

> Os de Coimbra, teem andado numa roda viva, de Coimbra para Vizeu, Aveiro, Porto e Lisboa.
>
> A Coimbra teem chegado cabecilhas monarquicos de outras partes.
>
> Pimenta de Castro, Padre Antonio Vieira e a sua comitiva de Aveiro, estiveram em Coimbra.
>
> O que tramarão eles?...

Por sua vez o democratico *Camaleão*, da terra dos ovos moles, deu noticia de ter estado cá *de visita aos srs. drs. Antonio Emilio de Almeida Azevedo e Jaime Duarte Silva, o sr. Aires de Ornélas.*

Não é preciso pôr mais na carta. Perfeitamente inteirados...

Soldados portuguêses

Mortos e feridos

Dizem de Paris, com data de 23:

> Segundo as ultimas noticias, o voluntario português Franco foi gravemente ferido e desapareceu. Encontram-se nos hospitais Jorge de Sousa, José Proença, Manuel Lima, Alipio dos Santos, Caldeira e João Peixoto.
>
> Já está curado o voluntario Castro.
>
> Morreram os voluntarios Barbosa e José Teixeira Simões, que foram enterrados envoltos na bandeira portuguêsa.

Orgulhosamente transcrevemos esse telegrama onde vem relatada a bravura e heroicidade dos nossos irmãos de raça que, cobertos de gloria, cáem nos campos da França na defeza voluntaria da Liberdade ameaçada pelo barbarismo teutonico.

Honra aos que por ela se sacrificam! Honra aos que por ela sofrem! Honra á raça portuguêsa!

Aniversario lutuoso

Passou no dia 24 mais um aniversario, o quarto, da morte da sr.ª D. Maria das Dores Biaia Marques, esposa amantissima do nosso querido e velho amigo, distinto clinico na Costa do Valado, dr. Abilio Marques.

E' sempre com a maior veneração pela memoria da ilustre extinta, que recordâmos a lugubre data, acompanhando a familia e em especial o dr. Abilio, que por ela era extremoso, na sua imensa saudade.

Esclarecendo

—=(*)=—

Foi-nos enviada pelo sr. Manuel Lopes da Silva Guimarães esta carta, recebida no sabado:

> ... *Sr. Arnaldo Ribeiro*
>
> Peço a fineza da publicação da seguinte declaração:
>
> Na sua exposição sobre a reunião da Junta Geral do distrito, do dia 15 do corrente, tenho a rectificar dois pontos:
>
> O primeiro é sobre a votação das propostas apresentadas, e o segundo é sobre a nomeação do candidato sr. Paulo José Pereira Guimarães feita pela comissão executiva em 11-3-916.
>
> Sobre a votação tenho a declarar que fui eu que apresentei o documento do sr. Francisco Ferreira da Encarnação, ao qual dei o meu voto juntamente com o sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, de Ovar.
>
> Sobre a nomeação do sr. Paulo José Pereira Guimarães em 11-3-916 pela junta executiva, não podia existir reclamação em virtude das sessões serem secretas, e os lezados não poderem adivinhar o que nessas reuniões se resolvia.
>
> Ainda sobre as legalidades do que a maioria da Junta resolveu, entendo que o sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira as reprovou com criterio.
>
> Aveiro, 22 de Julho de 1916.
>
> **Manuel Lopes da Silva Guimarães**

O sr. Lopes Guimarães ha dê perdoar-nos, mas a verdade é uma só e essa, no caso presente, insufismavel. Nós, como sabe, assistimos á sessão da Junta, tomámos parte no debate que antecedeu a nomeação do sr. Paulo Guimarães para chefe da secretaría e quando foi para a votação não vimos nem ninguem viu que o sr. Lopes Guimarães juntasse o seu voto ou acompanhasse o sr. dr. Santos Sobreira nas divagações que sobre o caso se permitiu fazer. O sr. Lopes Guimarães não se levantou da sua poltrona, como o sr. dr. Santos Sobreira, para significar que não concedia o seu voto ao sr. Paulo Guimarães. O sr. Lopes não fez alem disso quaisquer declarações nesse sentido e porque assim acontecesse é que aqui foi incluido no numero dos que, pondo inclusivamente de parte a empenhoca, se determinaram por um acto de justiça nomeando definitivamente e de harmonia com a lei, o sr. Paulo Guimarães, chefe da secretaría da Junta, logar que desde a sua constituição ainda não deixou de desempenhar com zelo e inteligencia, montando todos os serviços da repartição e dirigindo-os, já que nenhum aveirense, incluindo o sr. Francisco da Encarnação, quiz encarregar-se de tal, apezar dos instantes e reiterados esforços da comissão executiva feitos nesse sentido. Desconhece o sr. Lopes Guimarães este pormenor?

Quanto ao resto permitanos ainda o signatario da carta que lhe digâmos isto, que é tambem a expressão da verdade: as sessões da comissão executiva da Junta Geral do distrito, nunca foram secretas. Realisando-se todos os sabados na sala principal do edificio do governo civil, a elas póde assistir quem quizer, independentemente de convite, a menos que o sr. Lopes Guimarães julgue a comissão obrigada a faze-los ou a ir efectuar as suas reuniões semanaes para o meio da praça.

Mas a tanto não se presume ela compelida e de aí o desgosto que nos causa vêr o antigo republicano e nosso amigo sistematicamente a desviar-se do bom caminho — o caminho da rectidão e da justiça.

Cartas intimas

—=(*)=—

Minha terna amiga

Escrevo-te respirando ainda uma atmosféra fétida, a morrão de cirio, que se desenvolveu e mantem em casa, desde o dia da trovoada que nos assaltou e que as tias supozéram modificar a trechos de latim e invocação de vários nomes sacros, acompanhando tudo isto com iluminação no oratorio na qual empregaram quasi todo o fornecimento de vélas bentas e os cirios tocados em diversas imagens e benzidos por vários eclesiasticos *tão dignos ornamentos da santa madre igreja, que deverão, por certo, ornamentar tambem o reino dos Céos!*

Apezar de tudo, minha boa amiga, de todo este scenario e da leitura de paginas sobre paginas contendo orações e vários meios *de aplacar as iras divinas*; do apelo sucessivo a Santa Barbara, virgem, e a seu marido S. Jeronimo; da recitação, em voz tremula, da magnifica, a trovoada manifestou-se e manteve-se enquanto as causas déla determinantes existiram e a provocaram. Mas quem arranca da cabeça das tias que não são vinte, trinta vélas acesas e a leitura de vários periodos de palavras implorando a divina mizericordia, que alteram e modificam por absoluto os fenomenos cosmicos? *As leis da natureza são imutaveis*—afirma um grande principio da sciencia. Bem se importam elas com taes teorias!

Pois se mudam os ventos, céssam as chuvas, terminam as trovoadas, só com uma véla acesa, um raminho de alecrim queimado, uma oraçãozinha qualquer, ainda que não meta latim, para que andarmos nós perdendo tempo a estudar e a lêr essas paginas de *patétices* que Flamarion e tantos outros homens—a quem chamam sabios—ha tantos anos escrevem, contendo os resultados dos seus grandiosos estudos e aturadas investigações, montando observatorios, inventando aparelhos, descobrindo novas razões para novas afirmativas?

Acho que não vale a pena e que tudo isso é tempo mais que perdido, se afinal temos em tão pouca cousa o meio seguro de remediar tudo quanto a natureza possa produzir de violento ou encomodo para as tias e para muitas outras tias que por aí vivem nesse mundo!

O peor foi que tive de ser testemunha desse espectaculo ridiculo, assistindo ás operações e trabalhos indispensaveis para modificar a *cólera divina*, como se ainda que tal fenomeno fôsse déla uma logica e clara consequencia, essa cólera se abrandasse a chamas de luz e á recitação de palavras que não transportávam as quatro paredes do recinto que as tias transformaram em *catedral!!*

Eu estava agitada, nervosamente impressionada pelos efeitos da tensão atmosférica e a magnitude do espectaculo, que era soberbamente imponente, sobresaltava-me. Contudo não podia deixar de rir muito em sordina quando, por cada ribombo mais forte dum trovão, a tia C. espavorida e tremula, acendia novo cirio! A' força de luzes acêsas póde dizer-se que a iluminação suplantou a que as *filhas de Maria* produziam no altar de Santo Antonio, no saudoso periodo das novenas ao referido santinho!

E que encanto, quando o sr. Conego, com aquela cára que Deus lhe deu, escorrendo cinismo, des-

cia quasi até meio do templo e com uma voz ingrata e irritante, fazia recomendações várias, prégando contra o exagero da moda, a tentação da carne e a necessidade inadiavel da constancia na penitencia —*unico meio para a salvação de tanta alma pecadora!* Estas prelendas, que eram um belo pratinho, onde se misturavam, completando o molho do respectivo pitéu, a manifesta, a congénita estupidez daquele espirito que nem as viagens, a convivencia conseguiram modificar, acabavam sempre com as tres seguintes interrogações, pategal e estupidamente pronunciadas— *óviram? óviram? óviram?* Pois o sr. Conego *óviram*, nunca apanhou no altar do seu Santo Antonio uma iluminação tão completa e profusa! E tão profusa e completa que as tias conseguiram com ela *demover a vontade do Senhor, que parecia decidido a confundir e exterminar a heresia e pecado deste mundo!* Ora aí tens!

Mas agora e tão tardiamente reparo que ainda te não falei do mais importante: a satisfação que resulta das melhoras do teu papá e da parte que nelas me cabe pela indicação do medicamento. Estou satisfeitissima, pedindo que lhe apresentes os meus respeitos e intimo prazer pelos seus alivios. A' tua mamã infindos beijos com muitos parabens pelas melhoras do doente.

Outro assunto agora. Tu fazes parte daquela afamada sociedade de senhoras desiludidas que escreveu o célebre volume — *Os maridos*—retratos tirados do natural? Porquê essa senha feroz contra os homens, entre os quaes não descortinas, nem á mão de Deus Padre, um unico que estabeleça uma excepção á tua cêga furia? Pois se tu os acusas de prevaricadores em tão desagradaveis e indignos actos, porque não estendes a tua excomunhão áquelas que são, afinal, as unicas responsaveis pela consumação desses mesmos actos, transigindo com eles, tendo tanta responsabilidade, pelo menos, como aqueles a quem tu acusas? Essas, essas são sobre quem deverá recair toda a maldição; essas que se não importam levar ao lar domestico a desordem, a vergonha e a desmoralisação!

Pois a quem mais culpa cabe dessa miséria moral, do que a nós, mulheres, dentre as quaes um infinito numero se esquece da sua propria dignidade, aleiloando-se, corrompendo-se sem escrupulos, chamando a si o pão duma familia ou perturbando a tranquilidade dum lar, calcando sem o menor pejo o coração doutra mulher, como se nada neste mundo houvésse sagrado e inviolavél, como se não fôsse absolutamente intangivel a dignidade duma esposa, o bom nome de uma familia? E todavia, tu vês, todos os dias, quem se proporcione, quem transija, quem até faça gala em atraiçoar uma amiga, e até —vergonha das vergonhas! — em enganar as proprias irmãs!!! E só a culpa, intacta, queres lançar sobre os homens, que não são, que não pódem ser inacessiveis á tentadora provocação ou ás circunstancias creadas por aquelas para quem a honra, o amor, a dignidade são uma palavra vã!

Não grites, não protestes sómente contra os Adões!

Fulmina as Evas, fulmina, infeliz e desgraçadamente, o teu sexo, tão culpado, tão criminoso e tão responsavel em todas essas paginas, que desde o Paraiso até nós, tem envergonhado a humanidade!

Qual será mais culpado: o *Palma* assediado, tentado, ilaqueado pela persistencia de determinada companhia, pela ternura de olhares, pela fixidez de contemplação, pelos suspiros abafados, pelos modos languidos, ou aquela ou aquelas que a tudo isto se proporcionam, rogando-lhe a batuta para os ensaios no côro, altas horas, e, solicitando para acalmar excitações, a amavel companhia do apetecido eclesiastico, nos idilios noturnos, disfarçados em passeiosinhos inocentes por essas ruas, para alivio de pressões cardiacas?

Sobre quem mais culpa recae? Diz, fala, subordinando a tua razão, aliás tão esclarecida, á irrefragavel verdade dos factos.

E já que te falo do *Palma*, desenhei-te uma das situações do joven sacerdote, que, como se diz popularmente—deixa-se ir no embrulho, com ares de ingenuo, aparentando não quebrar um prato, mas deitando uma prateleira abaixo se lhe proporcionam ocasião, cantando *solos* com voz agradavel e timbrada, enquanto executa a marcha de Luiz XVI no violão e faz acompanhamentos no violoncelo. Menino... como lhe chamaste, mas menino como todos os outros... E as meninas? A essas não tê referes tu com o azedume, com a revolta, como tratas os homens, que se praticam imoralidades e loucuras é porque sempre acham quem as aceite, corresponda e délas partilhe.

Até meiado de Agosto, ou teus paes e as minhas ricas tias dicidirão dos seus destinos neste verão e só depois disso resolverei fazer os vestidos.

Para leva-los amarfanhados num carro até Verdemilho ouvir a Maria Piolho e a Rosa Forôa, com o marreco do Pato a acompanha-las, prefiro te-los em peça na gaveta.

Se o primo escrever diz. E' um bom rapaz — alegre, engraçado, doudejana—mas sincéro, generoso e franco, incapaz duma deslealdade.

Num grande abraço cinjo teus paes e a minha excelente amiga a quem beijo com infinda saudade.

Sempre tua

Aveiro, 26—7—916.

E. de M. C.

P. S. — Esqueceu-me dizer-te que houve tambem festa na igreja do Carmo, á Senhora do mesmo nome.

Isto atinge as proporções duma epidemia.

Pela Câmara

Entre muitos dos cidadãos vereadores municipais deste concelho, vai grande descontentamento originado pela falta de realisação das respectivas sessões que, alem de ordenadas pela lei e distribuidos convites, um grande numero de senadores a elas não comparece, resultando constantes adiamentos com gravissimo prejuizo de assuntos importantes a tratar e resolver, como seja a questão do sal e outras.

Seria da maxima importancia que todos se compenetrassem dos seus deveres, cumprindo-os como manda a lei e os proprios compromissos tomados.

O que se está passando nada dignifica — nem homens nem regimen.

PELA IMPRENSA

"O Domingo,,

Este nosso presado colega de Aldegalega, dirigido pelo velho republicano sr. José Augusto Saloio, entrou no 16.º ano de publicação apezar das várias provações e multiplos trabalhos por que tem passado.

Vivamente o felicitâmos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco,* ao Rocio.

PORTUGAL EM ARMAS

Uma visita á «cidade de Pau-lona»

(Impressões)

Não conheciamos a escola pratica militar de Tancos senão de nome e da vasta região que a circunda uma ou outra povoação que, contudo, nunca haviamos visitado. Nunca tinhamos ido a Thomar, nem passado por Constancia, nem sequer ouvido citar a Praia, apezar de servida por estação do caminho de ferro e de possuir o retiro do Sebastião bem fornido de mantimentos para que ninguem abandone o estabelecimento de mal com a Izabelinha... Do velho Castelo do Almourol, essas ruínas que são, atravez os seculos, um atestado permanente de gloriosos feitos historicos, de lendas e de romances, e que sobresáem numa ilhota que aflora do centro do Tejo, com onze das suas torres ameadas e uma esbelta torre de menagem, do velho castelo do Almourol, diziamos, só vaga e muito superficialmente um dia nos falou certo *touriste* que, em excursão venatoria, ao acaso dele se aproximou. Pois tudo isso, todo esse conjunto de belezas panoramicas e artisticas que se desenrolam da Barquinha até Thomar está hoje gravado no nosso espirito, ávido de sensações, observador e tendenciosamente inclinado a viagens, como a mais emotiva das impressões. Proporcionou-a a estada, em Tancos, das duas unidades militares de Aveiro e consequentemente o desejo duma surprêsa aos amigos antes da sua retirada.

A Tancos! A Tancos!

E partimos.

* * *

Tancos é, segundo a descrição que dele vemos, um poligono que mede 2.400 por 2.000 metros no seu maior comprimento e largura e 9.000 de perimetre. Campo vasto, vastissimo mesmo, para conter os vinte a vinte e dois mil soldados do exercito português que lá fomos encontrar reunidos, para exercicio, tendo, por abrigo, improvisadas barracas, e por distração, nas horas de descanço, formosos arrabaldes para onde podem estender os seus passeios, é hoje conhecido em toda a parte, não pelo poligono de Tancos, mas por *cidade de Pau e Lona, do sexo masculino em que a castidade não é uma palavra vã*, como o crismou um dos seus atuaes habitantes, generalisando a pitoresca designação e vulgarisando-a com tal insistencia que nem ao *major estampilha*, nome porque é conhecido tambem o chefe do correio, já repugna aceita-la na correspondencia.

Depois duma noite mal dormida sobre o sofá da sala de espera da estação do Entroncamento, visto que cama melhor não conseguimos arranjar, uma *vitoria* conduz-nos ao quartel general do acampamento onde uma sensação agradavel, por inesperada, nos aguardava. Tinhamos de adquirir um bilhete de livre transito para, á vontade, percorrermos o poligono em todas as direcções e um sargento, amavelmente, indica-nos o oficial de dia que no-lo deve passar. Rejubilámos. Porque o oficial que se nos deparou era nem mais nem menos que o nosso antigo condiscipulo Julio de Abreu Campos, hoje capitão do Estado Maior e a quem, talvez ha uns quinze anos, não tornámos a vêr. Um abraço muito apertado, rapidas recordações doutro tempo, o bilhete no bolso e ala que se faz tarde. Nem ele nem nós, mas principalmente o Julio, nas circunstâncias em que o topámos, sobrecarregado com trabalho, podiamos deter-nos numa conversa que seria agradabilissima se o encontro tivesse sido, por exemplo, á mesa duma cervegearia... Mais outro abraço, e a *vitoria*, galgando caminho, crusando a cada passo com os camions, *carnions* e *aguions* de serviço, leva-nos ao acampamento do 24 de infanteria. O tenente Gaspar Ferreira está ainda deitado, o mesmo sucedendo a quasi toda a oficialidade. E' dia de descanço. Deixar, portanto, descançar quem tem direito a isso.

— Toca para o 8 de cavalaria—ordenámos ao cocheiro.

E o carro parte veloz atravez da *cidade* cujo aspecto, visto do alto, nos delicia pelo imprevisto, pela novidade que constitue a aglomeração das barracas e o bulicio determinado por uma divisão inteira acampada... em pé de guerra...

Varios toques de corneta repercutem nas diferentes direcções, até que chegámos ao *terminus* da viagem. Aqui veem logo ao nosso encontro os tenentes-medicos José Soares e Marques da Costa que começam a distinguir-nos com as suas cativantes amabilidades. Convidados a penetrar numa barraca, eis-nos em frente de outros dois amigos: os tenente Gomes Teixeira e capitão Natividade que concluem as respectivas *toilettes*. E' interessante o mobiliario deste quarto assim como o de todos os outros. No entretanto ninguem deixa de ter as comodidades, relativas, que deseja. No do capitão Barão de Cadóro (Carlos) até existe um aparelho para duches e na frente da barraca um viçoso jardim, sem flôres, em miniatura, que aquele nosso amigo trata com paternal carinho. O lavatorio consta de uma estaca, uma taboa pregada no tôpo e a bacia em cima. O resto afina pelo mesmo diapazão...

O dr. José Soares a paginas tantas ordéna ao impedido, o seu *Zé da Caetana*, como o alcunhou, que faça sciente o cabo Vidal, mestre da cosinha, de que ha um hospede para o almoço.

— O *reflectorio* não tem portas, póde entrar quem quizer—atalha este.

Com efeito os refeitorios são completamente abertos e... francos. Pelo menos observámo-lo tanto em cavalaria 8 como em infanteria 24, os dois regimentos que fazem parte da guarnição de Aveiro e cuja oficialidade nos comulou de atenções, que jámais esqueceremos.

Almoçámos, pois, em cavalaria 8 após terem-nos sido mostradas todas as suas instalações, incluindo as dependencias do serviço de saude, com mobiliario identico ao dos quartos, mas que nem por ser assim desmerece ou deixa de estar completo sob a inteligente direcção dos dois ilustres medicos que nele superintendem.

O tratamento, quer dos soldados quer da oficialidade, não pode ser melhor. Tivemos não só ocasião de o observar como ainda nos foi isso confirmado em absoluto pelos briosos militares. Basta dizer-se que só de carne se gastam para o almoço e jantar 10 toneladas, ou 5 toneladas de sardinha, ou 5 toneladas de chouriço, ou 5 de presunto, ou 5 de bacalhau. Consomem-se alem disso 15 mil quilos de pão e de pimenta 20 quilos diarios! Ao soldado são distribuidos quatro decilitros de vinho, como se vê o suficiente para lhe conservar a resistencia e o magnifico aspecto de que nos dá mostras.

Contaram-nos que um mandou dizer á familia que durante o tempo decorrido, desde a chegada ao acampamento até ao dia 18 deste mez, havia engulido já 7 quilometros de chouriço!...

Mas... prosigâmos. E agora falemos um pouco do acampamento do 24 onde, acompanhados pelo dr. Marques da Costa, viemos cumprimentar a distinta oficialidade que faz parte do batalhão. O comandante Braziel acha-se ainda nos seus aposentos, assim como o major Queimada, o que todavia não impede que nos recebam com a mais franca cordealidade. Barracas eguaes e mobilia do mesmo padrão da que vimos em cavalaria 8, mais coisa menos coisa. O tenente Gaspar Ferreira, que nesta altura se dispõe a servir-nos de cicerone, leva-nos a seguir á barraca do capitão Antonio Machado, a quem um entorce no pé fórça a estar de cama. Encomodo passageiro, como tal foi encarado no decorrer da palestra entabolada em que o nosso amigo se não cança de falar de Aveiro, da Barra e de tantas outras coisas apetecidas, enquanto o chefe da banda, Antonio Alves, estendido noutra cama, ao lado, compõe uma marcha nova ao som da qual deve entrar nesta cidade o seu regimento.

Neste quarto ha a mais que nos outros um pé de feijão em adiantado estado de desenvolvimento e que deve dentro em pouco servir de poiso ás moscas que gostem de verde...

Por intervenção do tenente Gaspar é interrompida a conversa, pois desejanos mostrar tambem o seu dormitorio e de mais quatro companheiros entre os quais o capitão medico, sr. Geraldes Leite e o tenente medico Gonçalves de Azevedo, a quem tivemos a honra de ser apresentados. O calor dentro dele é intensissimo, não obstante o sol conservar-se encoberto pelas nuvens. A destacar, a cama do sr. tenente Azevedo toda envolta num denso véu de gaze por causa das moscas, obra em que gastou algumas ripas e uns poucos de metros do fino tecido. E' tosca, certamente. No entretanto ninguem lhe póde negar nem a utilidade, nem a perfeição dessa especie de camarim em que Gonçalves de Azevedo se mete todas as noites e donde recita os seus versos em longo rosario, antes de adormecer.

A. R.

(Continua)

Ministro da marinha

E' esperado hoje nesta cidade o titular da pasta da marinha, que, depois de percorrer alguns pontos da ria, visitar a Barra e as costas do litoral, regressará de novo a Lisboa com a sua comitiva.

CARTILHA DO POVO

Está já publicado o 1.º folheto desta *Cartilha*, destinada a fazer conhecer do povo, na linguágem mais simples possivel, os seus altos deveres civicos no trágico momento que passa. Intitula-se este 1.º encontro *Portugal e a Guerra*, e nele João Portugal mostra a José Povinho e Mauel Soldado o quanto é nobre a causa dos aliados, e a nossa participação na guerra.

Cada folheto custa 2 centávos, tendo mil um desconto de 40 °/°.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á *Renascença Portuguêsa*, Porto, acompanhados da respectiva importancia.

O 2.º folheto, a sair, intitula-se *A Inglaterra e a França— O que são em relação a nós.*

De Ovar

Escrevem-nos:

... *Sr.*

Tenho lido com a maior atenção os seus artigos sobre as reinspecções; um verdadeiro ludibrio. Mas note V. que por cá já se preparam os *caciques*, tanto monarquicos como republicanos, para livrarem os afilhados. Ainda ha pouco se deu aqui um caso que irritou toda a gente. Um empregado do correio, que tinha partido com os outros, regressou a Ovar por pedido do influente local!

Aqui manda a reacção. Ha dias respondeu em policia correcional o guarda livros da Eletricidade por dar um sopapo num malandrête que, depois de ter atirado com uma pedra ás janélas, disse uma indecencia á senhora do mesmo guarda-livros. Pois o juiz condenou o pobre guarda-livros. Não sabemos como hade proceder um homem perante esta cafila de malandrajem que vagueia pelas ruas.

Ha aqui uns negociantes de cereaes que tem milho nos seus grandes armazens. Ainda no ano ultimo ganharam vinte e tantos contos e já declararam que se a guerra durar mais seis mezes ficarão livres de mais trabalhar. E o que faz a autoridade? Só persegue um negociante visinho.

Só visto.

De v., etc.

Constante leitor

Sim: porque para comentar nem o jornal todo chegaria, tão grande é o desiquilibrio que se nota em tudo por tudo.

Chega a ser demais.

VIDA MILITAR

Pela ultima ordem do exercito foi nomeado inspector da 5.ª Divisão Militar com a faculdade de poder continuar a residir em Aveiro, o coronel de infanteria 24, sr. José Cristiano Braziel, que será substituido no comando deste regimento pelo coronel, sr. José Domingues Peres.

ESCOLA NORMAL

Concluiram este ano o curso para o magistério primário, os seguintes alunos, frequentadores da Escola Normal de Aveiro:

Miguel Maria da Silva Portugal, com 19 valores; Bernardino Martins Ferreira, Carlota de Araujo Valente, Diniz Pires da Silva, Fernanda Ferreira da Silva, João Marques Ramalheira, Maria Olinda Lobo e Mario Antonio Ferreira de Aguiar, com 18; Adelaide da Luz Santiago, Angela Maria de Almeida, Clara dos Anjos Silva, Eliza Ferreira da Silva, Helena Augusta Domingues, Maria Estrela de Sam José e Maria Rita de Andrade Costa, com 17; Ascenção de Jezus Fernandes, Manuel Nunes Carlos, Maria Julia de Almeida Costa, Maria de La Salette Marques Vidal e Sára de Seabra Coelho, com 16; Adelaide Martins da Silva Borges, Adelia da Conceição Rocha, Alcina Pires, Alzira Corrêa Franco, Ana Rosa de Almeida Barreto, Emilia Ferreira Estimado, Guilhermina Ferreira da Silva, João Maria Domingues Grego, Justa Ferreira Dias e Maria da Conceição Miranda e Melo, com 15; Alice da Conceição Pedrosa, Bento Francisco Capote Teiga Celeste da Gloria Paião, Ester Rezende e Maria da Graça Namorado, com 14; Cacilda da Conceição Pato, Clotilde Palmira Corrêa das Neves, Maria Augusta de Rezende e Maria Rosa de Jezus, com 13; Ermelinda Olinda de Oliveira Freire e Rosa Nunes da Silva, com 12; Rosa Nunes de Oliveira e Ricardina Rosa Corrêa, com 10.

Tambem houve algumas reprovações, sendo, todavia, diminuto o seu numero.

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Notas mundanas

Realizou-se no dia 8 do corrente, na igreja paroquial da Estrela, em Lisboa, o casamento da senhora D. Orminda Freire, gentil filha da senhora D. Maria Ferreira da Costa Freire e do sr. Fernando Freire, com o distinto capitão-medico sr. dr. Antonio do Nascimento Leitão, nosso conterraneo e amigo.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus paes, e por parte do noivo seus primos a senhora D. Etelvina Mendes Correia e seu marido o sr. dr. Antonio Maria Esteves Mendes Correia, que se fizeram representar respectivamente pela irmã da noiva a senhora D. Ofelia Freire e pelo sr. Evaristo Maia.

Foi celebrante o revd.º prior sr. dr. Domingos Nogueira. Durante o acto religioso foram executados no orgão vários trechos musicaes, tendo sido tocada, á entrada do cortejo, a Marcha nupcial, *de Mendelssohn.*

A senhora D. Ofelia Freire, irmã da noiva, cantou primorosamente, durante a missa, uma Avé Maria *e* Salutaris.

Finda a cerimonia foi servido, na elegante residencia dos paes da noiva, um finissimo lanche.

Os noivos partiram para o Mont'Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na corbeille *viam-se grande numero de valiosas e artisticas prendas, entre as quaes as constantes da seguinte relação:*

A' noiva — *do noivo: travessão de platina com brilhantes, anel de platina com brilhantes, capa, saída de teatro, de sêda bordada de Toukın; dos paes da noiva: mobilia de quarto, estilo inglês, anel de platina com perolas e brilhantes,* signé *Leitão; de D. Ofelia Freire, irmã da noiva,* parure de renards*; de D. Maria Amélia Norton Freire, tia da noiva, duas artisticas salvas de prata, dois* edredons *em setim e uma moeda de ouro antiga; de Antonio Freire, primo da noiva: anel de platina com perolas e brilhantes,* signé *Leitão; de D. Maria dos Prazeres P. de A. R. Campos Vieira, prima da noiva: um par de jarras em cristal e prata; de D. Corina Graça e esposo, sr. Antonio Graça, padrinhos da noiva: rico faqueiro de prata; de D. Maria Freydit Ribeiro, leque de tartaruga e sêda com pintura a aguarela,* signé Vallés*; de D. Alice Torres e esposo, serviço completo de talheres de prata para peixe, dôces, etc.; de D. Palmira do Rego V. Teixeira Bastos, uma lindissima aguarela pintada por sua ex.ª; da mesma ex.ma senhora e esposo, saladeira com talher, em cristal e prata; de D. Adelina Valet, compoteira com colher, em cristal e prata; de D. Maria Julia Taveira e esposo, linda caixa para luvas em jacarandá e prata, artisticamente cinzelada,* signé *Miranda & Filhos; da viscondessa de Montargil, espelho para* toilette *em prata; de D. Maria Amélia e Sára Pinho, lindo cesto para pão, em prata; de G. M.,* tète-á-tète*, em prata para chá.*

De mr. e madame de Souza Aguiar, uma duzia de colheres de prata para dôces; de D. Angelina Batista, linda aneleira em prata; de D. Marina Teixeira Bastos, um par de solitarios em cristal e prata; de D. Maria Jacinta T. Bastos das Neves Pereira, uma duzia de colheres de prata para chá; de D. Feliciana Soares Ribas, linda bonhonière *em cristal e prata; de D. Alzira Araujo, duas facas de prata para peixe; de D. Helena Sepulveda Soto Patuléa, lindo leque de sêda e rendas; de mrs. E. Davidson,* tète-á-tète *de fina porcelana inglêsa; de D. Maria Luiza Brandão, abotoador em prata; de D. Maria José Miranda, linda almofada de veludo pintada por s. ex.ª; de D. Tomazia A. L. dos Santos Alves Pereira, uma imagem do menino Jesus em* biscuit*; da criada Maria da Encarnação Marques, canastrinha de prata para* toilette*; da criada Maria José Dias, coador de prata para bule.*

Ao noivo — *Da noiva, abotoadura de platina e brilhantes; dos paes da noiva, uma floreira para centro de mesa, em cristal e prata; de mademoiselle Ofelia Freire, irmã da noiva, carteira de pele de anta, com monograma de ouro.*

De padre João Ferreira Leitão, tio do noivo, um envelope fechado; de D. Maria da Luz Rocha Leitão Barreto, irmã do noivo, doze colheres de prata para chá, pente e escova em prata; de D. Alda d'Ascenção Rocha Leitão, irmã do noivo, pente e escova para cabelo, em prata; de D. Margarida Leitão Rocha Lobo, irmã do noivo, bonbonniere *e duas escovas em prata; de D. Maria da Gloria Rocha Leitão, irmã do noivo, caixa de cristal e prata para pós, com escovas; de D. Conceição da Rocha Leitão, irmã do noivo, saleiro com paliteiro em prata; de Manuel da Rocha Leitão, irmão do noivo, manteigueira em cristal e prata; do dr. Antonio Maria Esteves Mendes Correia e esposa sr.ª D. Etelvina Mendes Correia, primos e padrinhos do noivo, rica* bonbonniere *de cristal e prata com* plateau *em prata; do dr. Antonio Mendes Correia e esposa sr.ª D. Carmen Mendes Correia, primos do noivo, estojo com talheres de prata para peixe; de Antonio Graça e esposa sr.ª D. Corina Graça, rico* tète-a-tète *em prata artisticamente cinzelado,* signé *Reis & Filhos; de Evaristo Maia, alfinete de ouro com perola e brilhantes; de mr. e madame Machado, riquissima colcha e almofadões de sêda bordados da China; de D. Maria da Piedade Santos, um par de* naperons*; de D. Tereza Manuel de Aragão Cabral de Abreu Castelo Branco e esposo, uma linda garrafa de cristal e prata.*

Aos noivos, de Artur Alagôa, uma caixa de vinho fino Champagne.

Aos simpaticos noivos, com os nossos cumprimentos, sincéramente lhes desejâmos um futuro repleto de felicidades.

= Tem estado doente de cama o nosso amigo Julio Diniz, ha pouco chegado do Congo Belga.

Apetecemos-lhe as melhoras.

= Regressou de Caldêlas o capitão farmaceutico Marques da Maia e sua esposa que em bréve se ausentam de novo para a Costa Nova.

= Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma creança do sexo feminino, a sr.ª D. Ernestina da Rocha Pereira, dedicada esposa do proprietario da casa de modas A Elegante, *sr. Pompeu Pereira.*

Os nossos parabens.

= Foi pedida em casamento para o sr. Querubim Alves Gil, a sr.ª D. Zulmira de Almeida d'Eça, gentil filha do sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, muito digno reitor do liceu desta cidade.

= Fez ontem anos o sr. Eduardo Pinto de Miranda, zeloso empregado de Finanças.

= De visita aos seus, esteve nesta cidade o sr. José de Souza Lopes, que no principio do proximo mez parte para a Africa, onde tem negocios.

Fazia-se acompanhar do seu amigo sr. Bernardino Corrêa.

= Tambem aqui vimos o estimado ilhavense, sr. João Nunes Pinguêlo.

= Seguiram para Coimbra as sr.as D. Ludovina Gamelas e Costa e D. Ana Louzada, mãe e sogra do nosso presado amigo Francisco Vieira da Costa, afim de assistirem ao casamento da sr.ª D. Palmira Viana que tem logar por estes dias.

EXAMES

Com optimas classificações terminaram o curso da Escola Normal desta cidade as sr.as D. Fernanda Ferreira da Silva e D. Sára de Seabra Coelho, filhas dilectas dos nossos amigos srs. José Casimiro da Silva e Antonio Ferreira Coelho, a quem felicitâmos e aos seus estremosos paes.

= Egualmente concluiu o mesmo curso a presada irmã do sr. Luiz Teiga Junior, oficial da marinha mercante, natural de Ilhavo, sr.ª D. Rosa Nunes da Silva, por cujo motivo tambem a felicitâmos e a toda a sua familia.

Edições da Renascença Portuguêsa

A *Renascença Portuguêsa* acaba de editar, em magnificas edições, mais os seguintes volumes:

Rapsodia do Sol nado, seguida do Ritual de Amor, versos de Afonso Duarte.

Julio Cesar, tragedia de Shakespeare, traducção de A. J. Anselmo.

Grandes de Portugal, preciosa colecção de veneras de alguns dos mais ilustres vultos portuguêses, por visconde de Vila-Moura e Antonio Carneiro.

Higiene e Moral, pelo dr. Good, tradução de J. Aroso.

Cartilha do Povo — Portugal e a Guerra. Dialogo para o povo.

EPISODIOS RELIGIOSOS

O *Palma* olha para todos os que por ele passam e que com ele falam como se em cada homem encontrasse o seu detractor. O *Palma* desconfia até dos amigos, mas sem razão.

Eu não sou um dos seus inimigos, mas apenas um que para vingar os abusos cometidos contra a religião que hei-de professar até á morte, não me importo de remexer num *Palma*, mete-lo numa camiza de bom linho de onze varas e depois arremessa-lo contra os troncos das tais arvores *coqueiros* que ele cultiva.

Aquela cara bem levantada com que o *Palma* atravessa as ruas da cidade, impõe-nos silencio, faz-nos julgar em frente de um inocente, de um capaz dos maiores sacrificios para alcançar o reino dos céus. E teria ele alcançado cá na terra o tal reino dos céus? Só ele o sabe e não o diz. Alguem mais tambem o sabe. Alguem póde afirmar que, se ele quizesse, teria *subido ao céu* e encontraria a mão do Deus Padre todo poderoso munida de uma chibata para o fustigar. Afugentando homens de poucos escrupulos, disse-se em tempo: *Fugi vendilhões da casa de meu pae*. Se Christo podesse voltar ao mundo, diria: *Fugi imoraes da casa de meu pae*.

Não se escolhe uma igreja para suscitar paixões. Não devemos ir para uma igreja sem devoção e vamos vêr lá só amâmos a Deus sobre todas as coisas.

O *Palma* sabe dos seus deveres. Assim os queira cumprir á risca.

O *Palma* não devia deixar-se arrastar por conversas interneceddoras, nem devia sucumbir em presença de olhares embaciados pelas lagrimas que ás mulheres valem de muito e não lhes custa nada.

O *Palma* devia ter evitado e nunca favorecer. Mas a culpa não foi só dele. Nada de carregar o pobre *Palma* com o que pertence de direito a mais tres. Sim. Tambem foi culpado o director espiritual. Agora, francamente, por pouco, mais vale dizer quem são os outros dois, que por sinal é um dos tais casos em que os dois são duas!..

Como vêem, entra hoje mais um dos quinze misterios em dança.

Graças aos ciúmes entre ambas que se desvendou toda a devoção de maio.

Deram demasiada publicidade aos acontecimentos e já tarde, mesmo muito tarde, tentaram remediar.

E' notorio a falta de convivencia entre dois dos misterios e respectivas familias. Qual a razão?...

. . . .

Se, no côro, uma manifestava descuidadamente a sua paixão, outra havia mais calada. Qual foi a preferida?

Antes de acabar, quero prevenir os leitores de que ámanhã, sabado, começam as novenas a S. Policarpo.

Quim & Necas

Aos caçadores

No proximo dia 30 deve realisar-se na sala das sessões da Camara Municipal deste concelho, pelas 11 horas, a eleição da nova comissão venatória, conforme o disposto na lei da caça, e para a qual o seu atual presidente, sr. Mario Duarte, convida todos os caçadores a concorrerem a esse acto.

A TOURADA

Com uma casa repleta, á cunha, e uma tarde de absoluta tranquilidade atmosférica e especialmente agradavel, visto que pesadas nuvens interceptavam por completo os efeitos dos raios solares, realisou-se a anunciada tourada em beneficio do hospital que, como todos os espectaculos daquele génro, agradou a uns mais que a outros, havendo protestos e aplausos, palmas e assobios.

O espectaculo foi de beneficencia e em boa verdade não podemos fazer uma critica ao trabalho individual de cada um daqueles que para ele concorreu como soube e como poude. Contudo não nos esquivaremos a dizer que poderia ter sido muito superior o trabalho dos cavaleiros se tivéssem montadas mais leves e menos assustadiças como especialmente sucedeu com o sr. Aristides Couceiro, que por sua vez tambem se enervou, não medindo ou não podendo conhecer das faculdades do adversario, colocando-se algumas vezes em critica situação, de fórma a ser colhido, como sucedeu com o ultimo bicho, que, cortando muito terreno, apanhou em cheio o cavalo com bastante violencia.

Se tal tivésse sucedido com um boi possante, os resultados da colhida teriam sido incontestavelmente grâves. O sr. Aristides Couceiro picou em selim raso um dos bois que lhe destinaram e assim mostrou que é ainda o belo calção doutros tempos.

O Mariosinho Duarte apresentou-se sereno, fazendo o possivel por acertar, independente das vacilações de ocasião e natural desconhecimento de determinadas regras de toureio que o novel amador revelou, o que nada é para admirar.

Chamado á arena, choveram os ramos de flôres, e a assistencia aclamou-o com simpatia, de que partilhou seu pae, o distinto *sportman* Mario Duarte, muito conhecido e estimado no nosso meio.

Entre os bandarilheiros, destacaram-se brilhantemente os srs. Eduardo Perestrelo, a quem coube as honras da tarde assim como Salema Vaz, correto e muito elegante no seu trabalho, mostrando os extraordinarios progressos que tem feito na arte de Montes.

O numeroso pessoal destinado á lide á hespanhola — como *espadas, bandarilheiros, picadores, peões de brega, puntillero* e *monos sabios*, não poude exibir-se, pois ao esboçar-se esse numero, o chavelhudo que nele tinha de tomar parte, filiado na associação protetora dos animaes, recuzou-se por mais tentativas feitas, a marrar na pobre alimaria que, montada por o respectivo picador, esfarrapado já, dava uma nota tipicamente comica, lembrando o lendario D. Quixote de la Mancha em frente do famoso moinho de vento!...

Pégas, por forcados, uma rija e as outras bem feitas havendo uma valentissima, *de recurso*, pelo sr. Manuel Cabedo, que bandarilhava.

O serviço de moços de curro e campinos foi *impecavel*, havendo sido colhido, sem gravidade, o sr. Ricardo Gaioso, que, apanhado de cigarrinho na bôca, ergueu-se da arena depois de a ter beijado coberto de pó, com o dito no mesmo logar, como se nada fôsse com ele!

De resto questiunculas proprias daquele género de espectaculos, onde ha a faculdade de qualquer cidadão barafustar, gritar e ser juiz... perito no trabalho dos outros.

FESTEJOS

Recebemos os programas dos que vão realisar-se no proximo domingo, em Alquerubim, ao Santissimo Coração de Jesus, com a assistencia do sr. D. Antonio Barroso, bispo do Porto, que será hospede do sr. Manuel Maria Amador e nos dias 13, 14 e 15 de agosto á Senhora de La Salette, cuja imagem se venéra no pitoresco monte, hoje transformado em parque, ao extremo da vila de Oliveira de Azemeis, para a qual a Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Vouga estabelecerá nesses dias grande numero de comboios especiaes com passagens de ida e volta a preços reduzidos.

Nesta festividade, que continua a ser uma das mais grandiosas do distrito, tomam parte as reputadas bandas da Guarda Nacional Republicana do Porto, S. Tiago de Riba-Ul e Pinheiro da Bemposta, havendo além disso deslumbrantes iluminações á moda do Minho e surpreendente fogo do ar encomendado a um dos mais afamados pirotécnicos de Viana do Castélo.

Espera-se que o movimento de forasteiros seja grande, como nos anos anteriores, se bem que o tempo não vá muito para festas.

* * *

Tambem no dia 6 de agosto se realisará na freguezia de Macinhata do Vouga uma grandiosa festa á Senhora da Piedade, que será abrilhantada por duas excelentes bandas de musica, as melhores do distrito. Do seu bem elaborado programa consta o seguinte: missa soléne, acompanhada a grande instrumental, sermão por um dignissimo orador sagrado e procissão á pequena ermida da santa. Finda esta, subirão as musicas para os seus corêtos, a fim de deliciarem os ouvintes com as mais lindas e bem escolhidas peças do seu variado reportorio. O arraial, que durará até ás 2 horas da manhã seguinte, será belamente adornado e a sua iluminação de um efeito brilhante.

Infanticidio

Junto ao canal de S. Roque apareceu ha dias o cadaver duma creança recemnascida de quem não foi possivel já reconhecer-se o sexo devido ao estado de decomposição em que se encontrava, pois todo o corpito se achava coberto de vermes.

A judiciaria procede a averiguações para vêr se descobre a desvergonhada que tal crime cometeu.

NOVO LIVRO

Oferecido pelo seu editor, sr. Abel de Almeida, proprietario da *Livraria Internacional*, de Lisboa, recebemos o XXII volume da Bibliotéca de Educação Moderna intitulado *A Sugestão e as Multidões* em que o autor, Pascoal Rossi, estuda a multidão nas suas manifestações sans e mórbidas, as observa com superior criterio, concedendo-nos uma obra verdadeiramente á altura dos seus vastos conhecimentos scientificos e literarios.

A versão portuguêsa é do sr. Moraes Rosa, custando cada livro brochado, apenas 20 centavos.

Agradecimentos pelo exemplar enviado a esta redacção.

Necrologia

Novo ainda, faleceu ha dias, em Sarrazola, um filho do vereador municipal sr. Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, a quem enviâmos o nosso cartão de pêsames, acompanhando-o no duro golpe por que acaba de passar.

CORRESPONDENCIAS

Pinhão, O. de Azemeis, 21

Nem o refugio do silencio para onde me atirei, nem o remurmurar silencioso das aguas cristalinas que refulgem por esses ribeiros para banhar os campos de optimos milhos embelezados, com iatadas repletas de magnificas uvas, cujo panorama realça e encanta com o trinar alegre das avesinhas cantando hinos melodiais ao Deus que as criou, quebra a melancolia que na presente conjuntura arrebata a

minha alma. Já não ouço, como naquele tempo de paz, os camponezes, os trabalhadores cantar a alegre canção do verão; ouço, sim, mas é cantar a triste canção da carestia da vida numa lamuria de desespero contra os açambarcadores ou uzurarios que exploram com uma furia satanica e com a impiedade no coração, a mizeria, para verem resaltar o ouro do fundo de um cadinho de alquimista que a mesma mizeria lhes vai vertendo; eu, acompanhando-os no mesmo pranto, não tenho pejo algum em ponderar que tal anatema de corrupção condenado pela teologia moral é o simbolo do roubo em todas as suas modelidades, quando num sacrilegio inaudito se não respeita uma tabela que a lei organisa a fim de pôr termo a esse trafico de industria diabolica e corruptiva, simbolo do verme e da uzura que sem dó nem piedade vai devorando os alicerces da caridade.

Eis, pois, a humanidade batendo-se: uns explorando o proximo, outros num horroroso duelo de carnificina mundial, sem respeito pela justiça e pela razão que a podesse evitar.

Veja-se o que fizeram esses malditos alemães, esses malditos monstros nessa heroica Belgica, saqueando cidades, violentando mulheres, assassinando velhos e creanças porque se batem contra a justiça, contra a razão, sem o minimo respeito pelo templo da paz. Em sinal de protesto eu clamo contra esses barbaros: Levantai os cadaveres dos filhos dessa patria invicta em obelisco de triunfo, que vós assassinaste como trofeus da vossa civilisação e daqueles que se batem em prol dela.

Abaixo o monstro selvatico!

Vivam os aliados!

Viva o bravo povo lusitano, cujo nome, no momento presente, tem que levantar o pendão das suas epopeias e mostrar o que foi outr'ora!

C.

Requeixo, 25

Cá o temos

Temos finalmente em nosso poder o n.º 85 do *Riso do Vouga*, onde se acham estampadas tres cartas que, embora subscritadas de diferentes localidades e firmadas com pseudonimos varios, todas são filhas do mesmo pai, todas pedem azorrague ou manicomio para o seu autor, todas recheadas de mentiras e contradições, dando-nos a triste impressão dum desarranjo mental ou dum espirito propenso ao mal, que nenhuma outra coisa podia presidir á sua concepção.

Comentando os assuntos bordados nessas cartas, muito ligeiramente, diz-nos o sapateiro cá da terra que cada tolo tem a sua mania, e que muitos favores devemos a Deus em não dar ao cronista do *Riso* a mania de fazer á gente o que os cães fazem ás pernas. Concordâmos.

Vâmos fazer, ainda que a custo, algumas referencias a esse estendal de... prosa, seguindo a ordem cronologica dessas cartas que, em boa verdade, não merecem a honra duma resposta, tal é a baixeza da sua inspiração.

Na primeira, que o magnate subscritóu da Taipa, faz um elogio bombastico ao sr. padre Baltazar, da Trofa. Mas a breve trecho, resvala para outro lado, desfazendo com os pés o que fez com as mãos, dizendo que o elogiado desobedeceu ao seu superior, negando-se ao cumprimento das ordens impostas pelo bispo—paroquiar a freguezia de Taveiro.

Toda a gente sabe, sem precisar sentar-se nos bancos duma escola, que a desobediencia é um caso que não honra ninguem, jámais em materia religiosa, e aqui temos nós que o cronista do *Riso* levou o sr. padre Baltazar para um acto continuo o deixar mais sujo que um porco quando sai do chiqueiro!

Mas o patarata não sujou só o sr. padre Baltazar: sujou tambem o bispo, porque, se é certo que este suspendeu áquele as ordens de presbiterio, como diz o mesmo patarata, o bispo não soube perdoar ao seu subordinado e transgrediu o preceito religioso que manda perdoar as faltas do nosso semilhante.

Na mesma carta, e em alusão ao paroco de Requeixo, diz o homemsinho que *ha alguns que não podem levar ávante que o paroco seja respeitado*, seguindo por aí abaixo numa ordem de dislates capazes de fazer estoirar de riso o homem mais cisudo que se possa imaginar, ao mesmo tempo que nos fala de herejes como se a heresia não lhe esteja incarnada na alma!

Pondo de remissa a continuação de despauterios contidos nesta carta, vista a escassez do espaço, a proibição de massadas e a inutilidade de gastar cêra com fraco defunto, vamos passar um rapido golpe de vista pela segunda, que o cronista datou da Povoa do Valado, firmando-a com o pseudonimo de *Vessada*, esquecendo-se de antepôr ao nome a proposição *de* e a terminação *o*, falta aliás perdoavel, carta em que o seu autor não foi mais feliz que na primeira.

Principia o orate por dizer que o *Democrata* não merece a honra de se lhe pronunciar o nome, irrompendo numa chusma de dislates que pedem banhos de chuva ou chuva de marmeleiro.

Depois das *honras* dispensadas ao *Democrata*, debica com o seu correspondente em Requeixo, dizendo que está assoldadado a Claudio Portugal, e que *facilmente escrevemos a troco de* .. falando em seguida de vinho que pode levar o bebedor á incidia ou ao suborno.

Se o vinho produz tais efeitos, temos forçosamente de confessar que ha por aí menino que nunca lhe saíu a bebedeira do corpo.

Estranha o cronista do *Riso* o nosso silencio ácerca da questão Portugal-Xavier. Como sempre, o articulista mete os pés pelas mãos e as mãos pelos olhos. Pois então admite-se que os criados digam mal dos patrões? Ora... cêbo.

Quem escreve *a troco*, do alguma coisa é, e já demonstrámos no numero penultimo deste jornal que interesse algum nos move a esse trabalho. Ou o cronista prove o contrario.

* * *

Temos por ultimo a terceira carta datada de Ois da Ribeira, na qual o patarata mais uma vez se refere ao roubo de rêdes atribuido a Augusto Maia, que diz *conhecer desde o tempo em que era frequentada em Requeixo a rua das pedras* (e do cacete a que ele esperimentou o pêso), tão abundante de personagens *ilustres*.

Sim, senhores.

A Natureza foi previdente em dar a Requeixo o local denominado—o Canto—para onde foi destacada a melhor flôr da humanidade, e onde, tambem, se refugiaram a Honra, Virtude, Cordura e Sensatez, aliás teriam de vaguear por esse mundo de Cristo á falta de pousada, ao menos sofrivel.

Que diabo! Iamos a fugír para a fantasia, ao que não sômos propenso, a ponto de nos esquecer facilmente que o histrião procurou no roubo das rêdes o pretexto para penetrar na vida intima de homens e mulheres, arrebanhando, com mentira e tudo, os nomes de cinco homens como protetores do regedor de Eirol no caso daquele roubo! Se este facto se désse comnosco (o vinho não dá para isso) caía o Carmo e a Trindade, e não seria para estranhar que o homem viesse aturdir o mundo inteiro, apregoando que ficámos rico com essa *tirada*; como é ele, está isso ás mil maravilhas. Que lhe faça muito bom proveito e não se engasgue com o nosso quinhão...

Mas, oh! gentes, cautela com ele que é capaz, pelo visto, de desancar toda a gente, lembrando-nos, a proposito, os seguintes versos de que não podemos precisar o autor:

> Surgiu em Requeixo Heródes
> dando em todos sem descanço,
> Heródes, vê se te... pódes
> tornar um pouco mais manso.
>
> Heródes, não t'incomodes
> a pôr o mundo direito...
> Heródes, vê se te... pódes
> portar com mais algum geito.
>
> Vem do colosso de Rhodes
> o sangue de Heródes fino;
> Heródes, vê se te... pódes
> conduzir com certo tino.
>
> E emquanto eu limpo os bigodes
> e aqui fico ao teu dispôr,
> Heródes, vê se te... pódes
> ir á... fava, por favôr.

C.

ANUNCIOS